



EIXO TEMÁTICO:

- | | | |
|---|---|--|
| <input type="checkbox"/> Ambiente e Sustentabilidade | <input type="checkbox"/> Crítica, Documentação e Reflexão | <input checked="" type="checkbox"/> Espaço Público e Cidadania |
| <input type="checkbox"/> Habitação e Direito à Cidade | <input type="checkbox"/> Infraestrutura e Mobilidade | <input type="checkbox"/> Novos processos e novas tecnologias |
| <input type="checkbox"/> Patrimônio, Cultura e Identidade | | |

Desejo de Cidade: Subversão no uso do espaço público
3º Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo – III ENANPARQ

Desire of the city: subversion in the public space
3rd Symposium of the Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo – III ENANPARQ

TEIXEIRA, Kátia Azevedo

(1)Professora Doutora, USJT – PGAUR. Brasil, prof.katia_teixeira@usjt.br

Desejo de Cidade: Subversão no uso do espaço público

Desire of the city: subversion in the public space

RESUMO

Integrando investigação mais ampla sobre usos e ocupações de pequena escala no espaço público, a este artigo interessam as ações que tanto ultrapassam o medo e a necessidade de segurança individual como as que subvertem o uso ordinário de trechos - ruas, túneis, viadutos - desativando por algumas horas os dispositivos da divisão funcional da cidade, tal como instituídos. O primeiro exemplo expõe um uso, skateboarding de rua, a alterar o destino projetado para a Plaza de los Ángeles – do Museu de Arte Contemporânea de Barcelona. Em São Paulo estão outras duas experiências: marginal e boêmio, o baixo Augusta transforma-se em “polo de arte e cultura urbana”, com projeções de práticas tecnológicas de diferentes estéticas; e a inusitada apropriação por meio de festas e performances que vem sendo ensaiada no “Buraco da Minhoca”, o inhospito túnel sob a Praça Roosevelt, no centro da cidade. A reflexão sobre o conceito de dispositivo de Agamben (2009), principalmente, conduz a análise desenvolvida, sob o prisma de projetos no tempo, superposição de camadas de uso ativo, tal como uma plataforma embrionária que se abre ao desejo dos cidadãos.

PALAVRAS-CHAVE: espaço público, subversão, apropriações temporárias, cidadania.

ABSTRACT

As part of a broader investigation on uses and concerns related to public space small occupations, this article is interested in actions that overcome the fear as well as the individual security needs in order to subvert the ordinary use of certain city sections – streets, tunnels, overpasses – by deactivating their originally designed functional purpose for few hours. The first example pictures the street skateboarding, a change on the designed purpose for the Plaza de los Ángeles - Museum of Contemporary Art in Barcelona. In Sao Paulo, there are two other experiences, marginal and bohemian, the once rundown area of August street is now ‘point for urban art and culture’, with technological projections of different aesthetics; as well as the unusual appropriation for festivals and performances currently experienced in “Buraco da Minhoca” (worm hole), an inhospitable tunnel under Roosevelt Square, downtown city. Definition of dispositive concerns according to Agamben (2009), all together conduct the developed analysis considering projects over time, overlapping layers of active use, just like an embryonic platform which is there to the desire of city dwellers.

KEY-WORDS: public space, subvert, temporary appropriations, citizenship.

RESUMEN

Integrando una investigación más amplia sobre usos y ocupaciones de pequeña escala en el espacio público, este artículo se interesa por las acciones que sobrepasan el miedo y la necesidad de seguridad individuales como por aquellas acciones que subvierten el uso común de tramos - calles, túneles, viaductos - desactivando durante algunas horas los dispositivos de la división funcional de la ciudad, tal cual están instituidos. El primer ejemplo expone un uso, skateboarding de calle, que altera la finalidad proyectada para la Plaza de los Ángeles – del Museo de Arte Contemporáneo de Barcelona. En São Paulo hay otras dos experiencias: marginal y bohemia, la región baja de la Rua Augusta se transforma en “polo de arte y cultura urbana”, con proyecciones de prácticas tecnológicas de diferentes estéticas; y la inusitada apropiación por medio de fiestas y actuaciones que vienen siendo ensayadas en el “Buraco da Minhoca”, el inhospito túnel bajo la Plaza Roosevelt, en el centro de la ciudad. La noción de dispositivo de Agamben (2009) conduce el análisis desarrollado, bajo el prisma de proyectos en el tiempo, sobreposición de capas de uso activo, tal como una plataforma embrionaria que se abre al deseo de los ciudadanos.

PALABRAS-CLAVE: espacio público, subversión, apropiaciones temporales, ciudadanía.



1 INTRODUÇÃO

Fórum ideal para as manifestações da dimensão humana, por isso sede de fenômenos emergentes e de inovações nas relações, a cidade expõe a sua natureza mutável. Por isso mesmo, de tempos em tempos, tal como no tempo de agora, vão-se tornando imperiosos os esforços para re-conhecer a vida e o espaço urbano contemporâneos, pois que de “De uma cidade, não aproveitamos as suas sete ou setenta e sete maravilhas, mas a resposta que dá às nossas perguntas. – Ou as perguntas que nos colocamos para nos obrigar a responder, como Tebas na boca da Esfinge”(CALVINO, 1990:44).

Sem desconsiderar a importância das grandes manifestações que ocorrem em lugares públicos, o recorte escolhido preocupa-se com intervenções de menor escala – na expectativa de indícios de ações que possam ser mais frequentes e, por isso, talvez internalizadas e disseminadas, pelo direito de bem usar a cidade.

Tais experiências superpõem camadas de uso ativo, imprevisto e por vezes impensável, em logradouros públicos, como uma plataforma embrionária que se abre ao desejo e à criatividade contemporâneos. Pequenas, pontuais, não são movidas pela exiguidade de espaços físicos livres, mas principalmente pelo desejo de experimentar a própria cidade. Quiçá sejam pequenas pistas à compreensão da nova cidade e cidadãos, em formação sobre a cidade existente.

Orienta o trabalho, principalmente, a reflexões de Giorgio Agamben sobre os mecanismos de poder que capturam, conforme expressão do autor, pensamentos, desejos e ações do homem no mundo contemporâneo; estão expostos em dois conjuntos de textos: *Profanações* e *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*.

2 DISPOSITIVO

Desde a definição de *res cogitans* (coisa pensante) que reside na interioridade do corpo, elaborada por Descartes no início da Filosofia Moderna, firma-se a compreensão do sujeito separado de toda exterioridade, reflexão que se desdobra nas demais áreas do conhecimento. Entendida a relação entre o indivíduo e o social como o sujeito que vive em sociedade e é por ela influenciada, essa formulação, segundo Ferreira Neto (2004, p.03), “toma o indivíduo como um conjunto fechado em interação, em trocas, com o ambiente social que lhe é externo”, perspectiva que compreende a consciência como interioridade, noção que fundamenta a Psicologia como disciplina autônoma.

Reformulações e ampliações do conceito no decorrer do século XX poderiam ser agrupadas, ainda segundo o autor, em duas grandes versões. Aquela que reconhece a relação entre o social e o subjetivo, mas conserva o polo de opostos entre exterioridade e interioridade, o que significa o entendimento do espaço interior, a subjetividade, como sendo influenciada ou formada pelo espaço sociocultural sempre em uma relação de causalidade. Ainda quando essa elaboração compreende a interioridade que foi constituída como capaz de atuar como agente transformador do social, permanece a divisão entre interno e externo. Em outra formulação, a ideia de causalidade cede lugar à de processo, de conexão, ampliando o entendimento da subjetividade não como estrutura, como uma determinação do social, mas “(...) em conexão com os processos sociais, culturais, econômicos, tecnológicos, midiáticos, ecológicos, urbanos, que participam de sua constituição e de seu funcionamento.”

Tomando-se a noção de subjetividade como processo, interessa rever o conceito de dispositivo, tal como elabora Agamben¹ (2009: 28) “(...) qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes”. No prosseguimento do raciocínio, de um lado o homem (os seres viventes e as substâncias), de outro os dispositivos, e entre eles uma terceira categoria - o sujeito - resultado do processo de subjetivação no qual o dispositivo atua.

Vinculados à multiplicação de dispositivos que enredam a vida contemporânea correspondem, conseqüentemente, processos incontáveis e sobrepostos de subjetivação a que estamos todos submetidos. Agamben propõe, como possibilidade de enfrentamento dessa condição excessiva de capturas, uma chave com a qual se possa proceder à reconquista do desejo humano de felicidade: “A profanação é o contradispositivo que restitui - ao uso comum - aquilo que o sacrifício tinha separado e dividido”. (Agamben, idem: 45).

Não se trata aqui certamente da retomada da felicidade romântica, da ideia de que as conquistas práticas, artísticas e intelectuais, no extremo as conquistas da humanidade, tenham tido efeitos imprevistos ou perversos ao bem estar subjetivo do homem – a tese da permuta civilizatória entre progresso e felicidade (defendida entre outros, como se sabe, por Rousseau). Os dispositivos, como lembra o autor, tanto apreendem o desejo humano de felicidade quanto oferecem os meios que o contemplam, incluindo as condições para o pertencimento de cada a um coletivo.

Trata-se de enfrentar as conseqüências da escala, ritmo e intensidade da produção de dispositivos e de processos de subjetivação, presentes na condição hodierna, que já não processam um novo sujeito, provocando o inverso do requerido: “(...) corpos inertes atravessados por gigantescos processos de dessubjetivação que não correspondem a nenhuma subjetivação real”. (Agamben, idem: 48).

É, pois, como um antídoto que o autor convoca à profanação, como meio de desativar os dispositivos que nos deixaram à margem, deles extraíndo o que foi transformado em impossibilidade. Ao ser profanado, o que estava indisponível porque separado perde a aura de que se reveste – de inviolável, de intocável - e pode ser restituído a um uso comum – incompatível com o sagrado (Agamben, 2007: 66).

3 PRAÇA

¹ A partir de releitura do conceito de dispositivo, desenvolvido por Michael Foucault: “Aquilo que procuro individualizar com este nome é, antes de tudo, um conjunto absolutamente heterogêneo que implica discursos, instituições, estruturas arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais e filantrópicas, em resumo: tanto o dito como o não dito, eis os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se estabelece entre esses elementos. [...] Assim, o dispositivo é um conjunto de estratégias de relações de força que condicionam certos tipos de saber e por eles são condicionados” (Foucault apud Agamben, 2009: 28).

Nos anos 90 do século passado, na região do Raval² – bairro que há muito existe no imaginário dos habitantes de Barcelona como boêmio e violento - e onde existem edificações que interessam ao patrimônio, dá-se a criação de uma espécie de “ isla cultural del Raval”, com serviços culturais em torno da Plaça del Àngels, formada pelos edifícios do Centro de Cultura Contemporânea de Barcelona – CCCB, instalado na Casa de La Caritat, a transformação do Convento dels Àngels em hemeoteca municipal e a criação do Museu de Arte Contemporânea de Barcelona – MACBA.

Os percursos conectados à praça, tal como vielas, colaboram para a surpresa: um grande espaço público destinado a pedestres, plano contínuo de granito sem barreiras, uma clareira cercada por muro constituído pelas edificações de tempos e feitios distintos, na qual se instala o grande retângulo impecavelmente branco do MACBA, projeto de Richard Meier, inaugurado em 1995. (Figura1)

Fig. 1: Uso do espaço externo do museu pelo *skatistas*



Fonte: < <http://roadsandkingdoms.com/2014/23-things-to-know-before-you-go-to-barcelona/> >. Acesso: 10/0714.

É desde então – praça e museu – que os *skatistas* se foram aproximando, atraídos por essa espécie de remanso que, entretanto, não se separa do olhar, do contato, do fluxo e da presença das pessoas. A convivência cotidiana vai-se estabelecendo entre os praticantes do esporte e os antigos moradores em meio às queixas³ e negociações: os residentes atentam para o barulho e comprometimento do uso do espaço em relação às crianças e aos idosos, moradores jovens aplaudem e comerciantes se mostram satisfeitos com o aumento dos negócios; seguranças do museu espreitam atentos ao bem privado e a polícia, frequente, marca presença apenas em algumas horas, quando então os *skatistas* descansam e o público se dispersa.

² O *Barri Raval* não existe em termos de fronteira espacial-administrativa; a área está incluída na unidade mínima considerada, nesse caso o Distrito Municipal de Ciutat Vella (Primer Districto), que contém quase todo o antigo casco de Barcelona, anterior ao projeto Cerdà. (SILVA, 2008).

³ FONTES (2010).

Para usuários, transeuntes e turistas permanece a intensa experiência urbana proporcionada pela praça, consagrada como o principal ponto de *Skateboarding* na cidade, mundialmente conhecido.

3 RUA

No lado boêmio e particularmente marginal da Rua Augusta, o baixo Augusta – como é conhecido o trecho entre o centro e a Avenida Paulista - coexistem contrastes: *punks*, universitários e moradores de rua, samba, rock e MPB, cinemas, teatros e bares, baladas disputadas, *nihtclubs* luxuosos e alternativos.

Por um intervalo de tempo, alguns dias, essa parte da rua é transformada em “polo de arte e cultura urbana” quando acolhe, ao longo das empenas e fachadas das edificações que a conformam, um conjunto de projeções de práticas tecnológicas de diferentes estéticas, em uma grande festa pública e gratuita, para uma diversidade extraordinária de pessoas, incorporados moradores e habitués do lugar. (Figura2)

Fig. 2: Projeções nas empenas de edifícios.



Fonte: < <https://www.flickr.com/photos/video-guerrilha/7288921554/sizes/m/in/set-72157>>. Acesso: 10/07/14.

Criado em 2010, a proposta do Vídeo Guerrilha⁴ almeja o desvencilhamento intencional dos dispositivos de exposição para ocupar o espaço público, com a perspectiva da escala de cidade, transformando-se, nos termos de seu idealizador Alexis Anastasiou, em “(...) uma plataforma aberta à criatividade contemporânea, manifestada no espaço público de atividade social”⁵ que, em 2011, recebe o prêmio como Melhor Iniciativa Cultural em Artes Visuais de 2011”, concedido pela Associação Paulista dos Críticos de Arte – APCA.

4TÚNEL

⁴ A participação, de forma coletiva, agrega artistas do Brasil, Espanha, Rússia, Cuba, Peru, Argentina, México, Colômbia, China, Alemanha, França e Canadá.

⁵ <http://propmark.uol.com.br/mercado/7325:video-guerrilha-ganha-2a-edicao>. Acesso 23/05/2014.

Pelo prazer de ocupar as ruas, festas que são anunciadas em cima da hora pelas redes sociais vêm ocorrendo de maneira significativa em São Paulo. Uma delas⁶ nasceu em janeiro de 2014, durante a comemoração do aniversário da cidade: em uma inusitada apropriação, um grupo de DJs, artistas e *performers* leva música ao túnel sob a Praça Roosevelt - entre o Elevado Costa e Silva e a Rua Augusta, no centro histórico de São Paulo, valendo-se da sua interdição oficial nos finais de semana e de sua iluminação “anti-mendigo”. Inóspito lugar, para pasmo dos demais cidadãos, milícia incluída.

Batizado de “Buraco da Minhoca” pelo seu criador, além do humor o nome é duplamente significativo: referência direta ao local – o elevador é conhecido por Minhocão - e referência simbólica como elo entre duas dimensões, a partir de especulações da física sobre os *Wormhole*⁷ (em português buraco da minhoca), atalhos hipotéticos pelo espaço-tempo. (Figura3)

Fig.3: Dia de festa no Buraco da minhoca.



Fonte: À esquerda: <<http://www.oesquema.com.br/bateestaca/2014/03/17/a-balada-que-e-a-cara-de-sao-paulo-hoje-acaba-de-ser-legalizada>>. À direita: Foto Chico Tchello. <<http://www.oesquema.com.br/bateestaca/2014/03/17/a-balada-que-e-a-cara-de-sao-paulo-hoje-acaba-de-se>>. Acesso: 10/07/14.

⁶Conforme explica o DJ Chico Tchello: “ Eu já caminhava há mais de um ano pela cidade carregando uma caixa amplificadora presa ao corpo, e comecei a discotecar nos eventos da galera do Organismo Vivo Parque Augusta. No dia 25 rolou o primeiro protesto 'Não Vai Ter Copa', e o coletivo decidiu ir para a Paulista. No fim, rolou um confronto com a PM e descemos para a Roosevelt. Soltamos um som e começou a chegar gente, e umas 22h a GCM avisou que a festa precisaria acabar. Daí que falei pro pessoal para descermos para o túnel. O povo foi aglomerando e assim nasceu a festa. Cheguei em casa, batizei como Buraco da Minhoca, criei a página no Facebook e tivemos mais cinco eventos espontâneos.” F: <http://www.oesquema.com.br/bateestaca/2014/03/17/a-balada-que-e-a-cara-de-sao-paulo-hoje-acaba-de-ser-legalizada/> Acesso:25/06/2014.

⁷ Existentes por enquanto apenas em teoria, os *wormholes*, em português “buracos de minhoca”, são atalhos hipotéticos pelo espaço-tempo, espécie de túnel espacial que comunica diferentes partes do universo, formado por um buraco negro, que absorve matéria, e um buraco branco, que repele matéria. Supões-se que se um corpo entrasse no buraco de minhoca em um determinado local, dele poderia sair instantaneamente em qualquer ponto do universo. São também conhecidos como pontes de Einstein-Rosen, em homenagem a Albert Einstein e Nathan Rosen, que os previram em 1935. F:http://www2.uol.com.br/sciam/noticias/fisicos_propoem_conexao_entre_buracos_de_minhoca_e_acao_fantasmagoria_a_distancia-.html. Acesso 28/06/2014.



5 PROFANAÇÃO

A conceituação de profanação para Agambem (2007) é a de uma operação capaz de desativar qualquer dispositivo para devolver a um novo uso comum os espaços que o capitalista, tal como uma religião, confiscou – poder, esferas econômicas, jurídicas, legais, etc.

Na perspectiva que interessa a este trabalho, a ideia de profanação de dispositivos é identificada em três exemplos intrigantes, iniciados por um indivíduo ou pequeno grupo, valendo-se de uma oportunidade ou de uma situação perscrutada, do gesto livre inicial que se desdobra em persistência ou da organização planejada que, afinal, conquistou. Uma resposta que opera no tempo.

De modo absolutamente espontâneo, os *skateistas* percebem um lugar na cidade que reconhecem como próprio - certamente um lugar especial - porque se torna preferência frente a tantos locais propícios em Barcelona, cidade que exhibe centenas de picos, retas, rampas, bordas e *gaps* para a prática do esporte.

Essa percepção do espaço como próprio não se realiza como oposição intencionada à ordem funcional da cidade, manifestação ou grito a animar os praticantes, mas como um reconhecimento das possibilidades virtuosas do conjunto urbano – paisagem interna, escala, praça, envoltória de edificações, acessos, transeuntes, arquitetura do museu e seus desníveis e rampas exteriores. São os benefícios vitais que acompanham o prazer de estar ali, de descobrir e experimentar a cidade, que orientam a decisão.

É a diferença entre a produção física do espaço e a sua produção secundária – alheia ao caráter simbólico e negligente com os dispositivos funcionais que revestem o conjunto, conforme entendeu, permitem caracterizar a ação como uma profanação, uma escolha por livremente praticar a vontade.

É distinto o evento que ocorre no baixo Augusta⁸. Opõe-se à estrutura de suporte das galerias – organização, critérios, preferências e condições- e postula outro regime de visibilidade para as artes, aqui as do campo das artes visuais e do videoarte. Não almeja a inserção em espaços físicos adequados, pleiteia como própria a cidade, rua e edifícios como o suporte desejado.

Há uma nova forma de olhar nesse processo: projetadas nos edifícios, as imagens ampliam as possibilidades de pensar a representação e transformam as relações da obra de arte com o espaço físico público e privado da cidade e com seus usuários: trabalhos de videoarte, animação, fotografia.

Na tarefa de ampliar a visibilidade estendendo-a inclusive aos meios pelos quais a própria pintura se realiza, com outro senso do coletivo e do público, o espetáculo é de todos: o grafite virtual permite que, além dos artistas, os transeuntes desenhem e projetem a experiência da pintura na dimensão dos edifícios.

Ao negociar com a rua – comerciantes, proprietários de edifícios, donos de hotéis e bares, moradores e prefeitura - a coexistência de outra paisagem com aquela existente, flexibiliza-se o espaço público e privado ao uso temporário, com uma ação intencionalmente política que interrompe, ao longo de alguns dias de aproximação entre arte, festa e pessoas – os dispositivos que organizam o usufruto da cidade.

⁸Nome pelo qual é conhecido o quadrilátero formado por Avenida Paulista, Rua Augusta, Praça Roosevelt e Rua da Consolação.



A escolha do lugar revela leitura perspicaz da cidade – entre centro e Paulista, a região permite uma aliança entre a memória da cultura boêmia da via e uma vivência mais intensa da estética. Ação política a desativar diferentes dispositivos: tal como na periferia, a arte se torna pública e integrada ao cotidiano.

Duas questões comuns nos exemplos de São Paulo: o usufruto do espaço da cidade e as experiências que vêm sendo feitas, e um dispositivo de extrema importância que se quer romper: camadas da história recente da cidade que parecem enterradas na memória, quando ainda se podia viver e testemunhar a cidade por dentro, sem paúra.

São vários e conhecidos os fatores que envolvem a construção social do medo, condensada na percepção da violência urbana. Sob qualquer análise incluem-se o crescimento acelerado de cidades, a cisão territorial e social, a irregular distribuição de bens e de acesso a serviços, a proliferação de assentamentos precários, os tantos guetos.

Sem ignorar o efetivo aumento da criminalidade nos grandes centros, essa condição cria processos de subjetivação na população das cidades, continuamente alimentados, a produzir a introjeção do medo em relação ao outro e a clara preferência pela vivência – esporte e lazer, festa e cultura – em domínios internos, apartados e protegidos da rua, bloqueando a possibilidade de matizar e relativizar o juízo.

Mas se “*Las ciudades extraen la energía creadora de la gente que vive em ellas*” (SKRABEC, 2010, p.8) não se desejaria nelas viver somente dessubjetivados, passivos espectadores. Há camadas da história recente da cidade que parecem enterradas na memória, quando ainda se podia viver e testemunhar a cidade por dentro, sem paúra.

Por isso (me) parece tão extraordinariamente inusitada a festa no local em que acontece. Se a primeira experiência pode ser lida, talvez, como fruto da ousadia de um impulso que, ao desejar sobretudo a continuidade da festa, ultrapassa a regra e se precipita no túnel, é mais surpreendente a sua continuidade – menos pelas implicações derivadas dos aparatos legais e de segurança, que pela vontade de viver em público naquele lugar. É a ocupação prazerosa da passagem subterrânea que intriga. A quem ou a que é consagrada essa festa?

No *Facebook oficial*, a identificação do evento: “O buraco da minhoca é uma passagem para outra dimensão de utilização consciente do espaço público.”⁹

É possível que, retomando as reflexões de Agamben (2007: 2009), à dessubjetivação consequente do excesso de dispositivos – medo e proteção – tenha sobrevivido a profanação: após a descoberta original do túnel, a identidade da ocupação vai-se construindo na perspectiva do que falta - viver a cidade e relação com o outro.

6 PERGUNTAS

Às três apropriações aqui relatadas, não é a exiguidade de espaços adequados que as motiva, mas o desejo simples de experimentar a cidade. Redescobrem territórios para usos temporários ou cotidianos, em alternância com o uso moldado ou concomitante a ele, mas não têm a fixação como um valor constituinte: se é a cidade que buscam, sua natureza é a de percorrer, é a do movimento.

⁹ <http://pt-br.facebook.com/pages/Buraco-da-minhoca/240801296089491?sk=info> Acesso: 10/07/2014.



Em comum também é a inexistência do receio ao outro, pois para os acontecimentos que promovem, não há padrões e medidas, não há portas e nem intrusos, por isso mesmo é o lugar da cidade que faz acolhida e, também por isso mesmo são alternativas generosas que se contrapõem à mitificação do medo.

É verdade que nas cidades não são inusitadas as negociações para outros usos em determinados espaços – as feiras de artesanato, de comida, de roupas, de antiguidades - são comuns na maioria dos países, realizadas em praças ou circuito de ruas previamente estabelecidos e regulamentados, assim como são selecionados e registrados aqueles que nelas expõem e vendem seus produtos. Montadas nos finais de semana são atrações das cidades, muitas delas inscritas nos roteiros de turismo e integram, com tributos, o sistema de arrecadação dos municípios. São, portanto, outra tipificação de alternâncias de uso.

Praça, Rua e Túnel, como se denominou as experiências que compõem este ensaio, independentes de seu porte, estão inseridas em um contexto de crítica: ao sistema institucional da arte, ao político e ao social; aos dispositivos que propagam o medo e confirmam a segregação e àqueles que mantêm o descompasso entre o usufruto da cidade e de seus cidadãos, frente à complexidade de sobreposições da vida e da cidade contemporâneas.

À reflexão que Calvino (2006: 44) propõe - “De uma cidade, não aproveitamos as suas sete ou setenta e sete maravilhas, mas a resposta que dá às nossas perguntas. – Ou as perguntas que nos colocamos para nos obrigar a responder” - Praça, Rua e Túnel são perguntas experimentando pequenas respostas em pequena escala, como tantas outras em diversas partes do mundo, para tempos e lugares específicos. São profanações festivas, alegres e livres contribuições da juventude.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Marta Bogéa pelo convite para participar deste simpósio, com a possibilidade de retomar parceria e novas conversas.

REFERÊNCIAS

FONTES, A. S. *O Skateboarding como intervenção: apropriação temporária e identidade no centro de Barcelona*. VIRUS, São Carlos, n. 4, dez. 2010. Disponível em:

<<http://www.nomads.usp.br/virus/virus04/?sec=4&item=1&lang=pt>>. Acesso em: 28/ 03/ 2014.

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*. Trad. Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: ABEU- Associação Brasileira de Editoras Universitárias, 2009.

_____. *Profanações*. São Paulo: Boitempo, 2007.

CALVINO, Italo. *As cidades Invisíveis*. Trad. D Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

-A noite em que a pista de dança venceu o medo.

<http://www.oesquema.com.br/bateestaca/2014/02/14/a-noite-em-que-a-pista-de-danca-venceu-o-medo/>

FERREIRA NETO, João Leite. *Processos de subjetivação e novos arranjos urbanos*. 2004.

<http://www.ichf.uff.br/publicacoes/revista-psi-artigos/2004-1-Cap7.pdf>

GIANNETTI, E. *Felicidade: Diálogos sobre o bem-estar na civilização*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.



SKRABEC, Simona. Olvídalo, si puedes. In: METROPOLIS. La ciudad del miedo. – Revista de información y pensamiento urbanos. Barcelona - nº 77 – Invierno 2010.

SILVA, Paulo J. J. Relações interétnicas num espaço híbrido – a Rambla do Raval em Barcelona. 2008.
F: longedaterranatal.blogspot.com.br/2008/05/relaes-internticas-num-espao-hbrido.html.
Acesso 23/ 04/2014.

TEIXEIRA, K. A; ALMEIDA, E. Espaços públicos periféricos: Habitats de uma conquista. Maceió: XXIX Congresso Pan-Americano de Arquitetos, 2012.